

4. UMA VISÃO ARGUMENTATIVA DA GRAMÁTICA: OS OPERADORES ARGUMENTATIVOS (SBPC — 1982)

Este trabalho fundamenta-se na tese defendida por Ducrot, Anscombe e Vogt de que a argumentatividade não constitui apenas algo acrescentado ao uso lingüístico, mas, pelo contrário, está inscrita na própria língua. Ou seja: que o uso da linguagem é inerentemente argumentativo. Dentro desta concepção, entende-se como **significação de uma frase** o conjunto de instruções concernentes às estratégias a serem usadas na decodificação dos enunciados pelos quais a frase se atualiza, permitindo percorrer-lhe as leituras possíveis. Trata-se de instruções **codificadas, de natureza gramatical**, o que leva, portanto, ao reconhecimento de um **valor retórico (ou argumentativo) da própria gramática**.

Considerando-se como constitutivo de um enunciado o fato de se apresentar como orientando a seqüência do discurso, isto é, de determinar os encadeamentos possíveis com outros enunciados capazes de continuá-lo, faz-se preciso admitir que existem enunciados cujo traço constitutivo é o de serem empregados com a pretensão de orientar o interlocutor para certos tipos de conclusão, com exclusão de outros. Para descrever tais enunciados, torna-se necessário determinar a sua **orientação discursiva**, ou seja, as conclusões para as quais ele pode servir de argumento. Assim, dentro de uma **pragmática integrada** à descrição lingüística, introduz-se uma **retórica integrada**, que se manifesta por meio de uma relação de tipo bem preciso entre enunciados: a de **ser argumento para**. (—3)

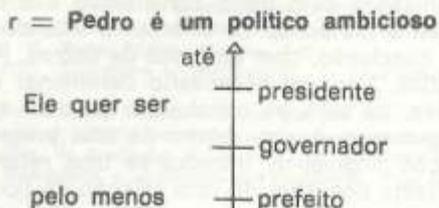
Ora, existe na gramática de cada língua uma série de morfemas responsáveis exatamente por esse tipo de relação, que funciona como **operadores argumentativos ou discursivos**. É importante salientar que se trata, em alguns casos, de morfemas que a gramática tradicional considera como elementos meramente relacionais — **conectivos**, como **mas, porém, embora, já que, pois**, etc., e, em outros, justamente de vocábulos que, segundo a N. G. B., não se enquadram em nenhuma das dez classes gramaticais. Rocha Lima chama-as de **palavras denotativas** e Bechara de **denotadores de inclusão** (até, mesmo, também, inclusive); de **exclusão** (só, somente, apenas, senão, etc.). Celso Cunha diz que se trata de **palavras** "essencialmen-

te afetivas", às quais a N.G.B. "deu uma classificação à parte, mas sem nome especial".

Na gramática estrutural, esses elementos são descritos, em grande parte, como **morfemas gramaticais** (gramemas) de tipo relacional, em oposição aos **morfemas lexicais** (semantemas, lexemas), sendo relegados a um segundo plano na descrição lingüística. E é esse, também, o tratamento que recebem na gramática gerativa.

É a **macrossintaxe do discurso** — ou semântica argumentativa — que vai recuperar esses elementos, por serem justamente eles que determinam o valor argumentativo dos enunciados, constituindo-se, pois, em marcas lingüísticas importantes da enunciação.

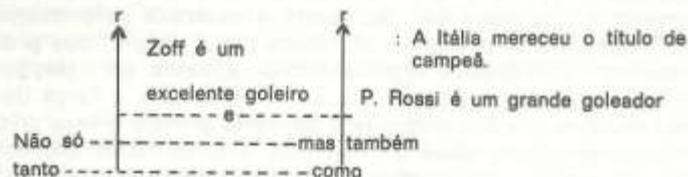
Para um exame desses morfemas, é conveniente retomar a noção de **escala argumentativa** formulada por Ducrot. Diz-se que **p** é um argumento para a conclusão **r**, se **p** é apresentado como devendo levar o interlocutor a concluir **r**. Quando vários argumentos — **p**, **p'**, **p''**... — se situam numa escala graduada, apontando, com maior ou menor força, para a mesma conclusão **r** diz-se que eles pertencem à mesma escala argumentativa. Por exemplo:



Duas ou mais escalas orientadas no mesmo sentido, isto é, para uma mesma conclusão, constituem uma classe argumentativa. Passemos, então, ao exame dos operadores argumentativos:

1) Certos operadores estabelecem a hierarquia dos elementos numa escala, assinalando o argumento mais forte para uma conclusão **r** (**mesmo, até, até mesmo, inclusive**) ou, então, o **mais fraco (ao menos, pelo menos, no mínimo)**. É o caso do exemplo acima.

2) Havendo duas ou mais escalas orientadas no mesmo sentido, seus elementos podem ser encadeados por meio de operadores como **e, também, nem, tanto... como, não só... mas também, etc.**



3) Ainda pode servir como:



b) introdutor de mais um argumento a favor de determinada conclusão. Ex:

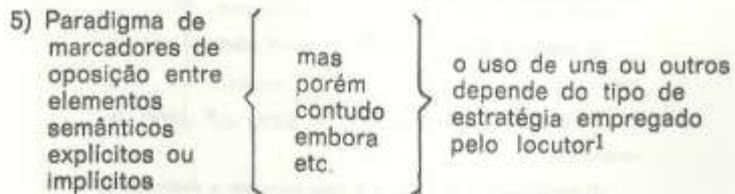
- a) Ele **ainda** não se considera derrotado.
- b) Convém frisar **ainda** que...

— **Já** pode ser empregado como indicador de **mudança de estado** (algo é **x** em **to** e passa a ser **y** em **ti**).

O Brasil **já** não tem esperanças de ser campeão.

Ambos são formas adverbiais portadoras de pressupostos.

4) **aliás, além do mais** — introduzem, de maneira subreptícia, um argumento decisivo, apresentando-o a título de acréscimo ("lambuja"), como se fosse desnecessário, justamente para dar o golpe final ("retórica do camelo", no dizer de Ducrot (1980).



Dentro desta concepção, é preciso notar que as concessivas representam um caso particular da estrutura geral utilizada por Anscombe, Ducrot e Vogt para descrever o morfema **mas**, que Ducrot considera o **operador argumentativo por ex-**

Vê-se, portanto, como é importante o estudo desses operadores e a formulação dos diversos paradigmas que constituem.

É essa relação **paradigmática** que vai determinar a classe argumentativa a que o enunciado pertence, enquanto a **seleção** de um ou outro elemento vai apontar para combinações sintagmáticas ou encadeamentos possíveis. É somente na sintaxe do discurso que se caracteriza a não-afinidade de certos morfemas em termos argumentativos.

Ora, todos os operadores citados fazem parte da gramática da língua. **Evidencia-se, portanto, que essas instruções, codificadas, de natureza gramatical, supõem evidentemente um valor retórico da construção, ou seja, um valor retórico — ou argumentativo — da própria gramática. O fato de se admitir a existência de relações retóricas ou argumentativas inscritas na própria língua é que leva a postular a argumentação como o ato lingüístico fundamental.**

Torna-se, pois, necessário pôr em evidência, na descrição gramatical da língua, os paradigmas constituídos de elementos de valor essencialmente argumentativo, elementos esses que, ao selecionarem enunciados capazes de constituírem a seqüência do discurso, são responsáveis pela sua orientação argumentativa global, no sentido de levarem o interlocutor a um determinado tipo de conclusão, em detrimento de outras. Relevante, é, também, especificar as conclusões a favor das quais os enunciados que os contêm podem servir de argumentos, ou seja, as possibilidades discursivas que, a partir deles, se abrem.

Tanto nas gramaticais, como no ensino de língua materna tem-se dado maior ênfase ao estudo dos morfemas lexicais e dos morfemas gramaticais flexionais e derivacionais, relegando-se a um plano totalmente secundário os elementos aqui abordados. Desse modo, eles passam praticamente despercebidos ao aprendiz que — na melhor das hipóteses — limita-se a decorá-los, sem lhes dar maior atenção. No entanto, como vimos, grande parte da força argumentativa do texto está na dependência dessas marcas e o fato de se tentar minimizar a sua importância pode ser interpretado, até mesmo, como uma postura de caráter ideológico.

Queremos ressaltar a necessidade de se conscientizar o usuário da língua do valor argumentativo dessas marcas, para permitir-lhe percebê-las no discurso do outro e utilizá-las, com eficácia, no seu próprio discurso.

NOTAS

1. Essas estratégias foram discutidas por Guimarães (1981).
2. DUCROT, O. (1972). *Op. cit.*, p. 128 e ss.
Idem (1973), *op. cit.*, p. 226.
ANSCOMBRE, J. C. e DUCROT, O. (1976). *Op. cit.*, p. 5-27.
Idem (1977). "Deux mois en français?", In *Lingua* 43, p. 29-40.
DUCROT, O. et alii (1976). "Mais occupe-toi d'Amélie". In *Les Mots du Discours*, cap. 3, Ed. du Minuit, Paris, 1980.
VOGT, C. e DUCROT, O. (1979). "De magis a mas: uma hipótese semântica". In VOGT, C., (1980), *op. cit.*, p. 103-128.
DUCROT, O. (1980). "Analyses Pragmatiques". In *Communication* 32, ed. du Seuil, Paris.
3. Note-se que a troca desses operadores não é impossível, mas resulta sempre em manobra discursiva, isto é, em manipulação do sentido, no nível do implícito.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUCROT, O. (1972). *Dire et ne pas dire*. Trad. bras., SP, Cultrix, 1977.
——— (1973). *La preuve et le dire*. Trad. bras., SP, Global, 1981.
——— (1980). *Les mots du discours*. Paris, Ed. de Minuit.
- VOGT, C. (1977). *O intervalo semântico*. SP., Ática.
- GUIMARAES, E. R. J. (1981). "Estratégias da relação e estruturação do texto". In *Sobre a estruturação do discurso*. Rev. do Instituto de Estudos da Linguagem, I.E.L., UNICAMP.
- CORNULIER, B. de (1980). "Le détachement du sens". In *Communications* 32, Ed. du Seuil, Paris, 125-182.
- ANSCOMBRE, J. C. e DUCROT, O. (1976). "L'argumentation dans la langue". In *Langages* 42, Paris, Didier-Larousse, 5-27.